

www.autoresespiritasclassicos.com



ARTIGOS
DOCTRINÁRIOS
ESPÍRITAS

Artigos Espíritos
Comandante Louis Darget - Fotografia do Pensamento

Extraídos da obra
Ernesto Bozzano - Pensamento e Vontade

Fotografia do pensamento

A expressão “fotografia do pensamento” parece-nos, não pode ser aplicada senão a uma parte das manifestações compreendidas nesta classe de experiências.

De fato, para obter algumas de entre elas, não há necessidade de “pose” diante do aparelho fotográfico.

A chapa é diretamente impressionada, mantendo-a o experimentador na maioria dos casos colocada na frente, e concentrando intensivamente o pensamento na imagem a exteriorizar.

Algumas vezes, é o papel sensibilizado que se impressiona diretamente.

As manifestações destas últimas categorias, obtidas à revelia da máquina fotográfica, são designadas na América pela palavra *psicografia*. Mas, como esse vocábulo já se emprega nos fenômenos de “escrita direta em ardósias”, admitiu-se posteriormente a palavra “escotografia” (*impressão na obscuridade, por antinomia de fotografia propriamente dita, que é impressão luminosa*).

Trata-se de um vocábulo proposto pela srta. Felícia Scatcherd, que se tornou conhecida por experiências dessa natureza.

A propósito de “escotografias” como de “fotografias do pensamento”, convém notar que os resultados obtidos, quando o experimentador se propõe a realizá-las e concentra o pensamento em dada imagem, limitam-se a coisas muito simples, tais como esferas, triângulos, garrafas, bengalas, sem atingir jamais imagens complexas, tais como um rosto ou uma forma humanas.

Os melhores resultados, com a reprodução de fisionomias e indivíduos, foram obtidos *fortuitamente*, isto é, quando não havia propósito de fotografar uma “forma-pensamento”, ou seja, uma “escotografia”.

Mas nestes casos se constata, infalivelmente, que a imagem gravada na placa fotográfica havia no momento, ou um instante antes, atravessado a mente do experimentador.

Tudo isso demonstra, mais uma vez, que, nas manifestações supranormais da *psique*, a vontade constitui obstáculo à sua livre manifestação.

Noutros termos: isso demonstra que as faculdades supranormais da *psique* pertencem à parte integral subconsciente e, por conseqüência, que a personalidade consciente não pode utilizar essas faculdades senão de modo excepcional e rudimentar.

Ao empregar neste momento, em acepção genérica, o termo “fotografia do pensamento”, direi que as primeiras tentativas desse gênero remontam ao ano de 1896, quando o comandante Darget e mais um seu amigo, persuadidos de que o pensamento era uma força exteriorizável, resolveram concentrar o próprio pensamento em determinada imagem, a fim de projetá-lo sobre uma placa fotográfica.

A 27 de maio de 1896, Darget fixou em chapa sensibilizada a imagem muito nítida de uma garrafa, na qual pensara com tanta intensidade, que lhe acarretou forte dor de cabeça.

Essa experiência foi repetida a 5 de junho do mesmo ano, com pleno êxito, e assim relatada:

“Tendo o Sr. Aviron dito que para afastar toda a objeção de acaso ou coincidência conviria obter ainda outra garrafa, pelo mesmo processo, resolvemos tentá-lo.

E nem por isso deixamos de lhe beber do conteúdo – uma bela aguardente –, nem deixei eu de fitá-la por longo tempo.

Subindo à câmara escura, tentava o mesmo processo, colando os dedos na chapa; e quando os vimos marcados, retiramo-la, fixada e levada, para procurar a garrafa, que, por fim, encontramos.

Mas, no dia seguinte, ao fazermos a revelação em papel, o que mais nos impressionou foi uma figura de mulher, com uma cabeleira característica.

Tratava-se, incontestavelmente, de um Espírito que pretendia fotografar-se.” (*Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, 1904, pág. 643).

Darget talvez tenha razão nessa afirmativa, visto que ele e o companheiro não só não pensavam, absolutamente, em qualquer pessoa, como jamais conheceram a mulher cujo semblante ficara impresso na chapa fotográfica.

Somente passados alguns dias, no curso de uma sessão em casa do conhecido escritor Sr. Léon Denis, é que tiveram a manifestação de uma personalidade que se denominou Sofia e declarou ter sido ela quem, auxiliada por outros Espíritos, realizara o fenômeno.

Aliás, a sua identidade foi estabelecida, como mercadora de legumes em Amiens, falecida pouco tempo antes.

A *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme* reproduziu essa “escotografia”, na qual o rosto da manifestada está bem visível, acima da garrafa.

Prosseguindo nas experiências, Darget conseguiu a “escotografia” de uma bengala, bem como a forma um tanto vaga de um grande pássaro.

Depois, enfraqueceu-se-lhe rapidamente a faculdade, até que de todo desapareceu.

Na mesma época, o americano Ingles Rogers foi levado, pelo acaso, a cuidar da “fotografia do pensamento”.

Quando na câmara escura desenvolvia as suas chapas, sucedeu-lhe certa vez fixar fortuitamente uma chapa diante de si, ao mesmo tempo em que pensava intensamente noutra coisa.

Ao revelar essa chapa, descobriu nela uma impressão que não poderia ser acidental.

Decidiu-se, então, a repetir a experiência, pensando e fixando intensivamente uma moeda.

A experiência foi positiva e isso o levou a renová-la alguns dias depois, perante uma comissão de médicos, fixando com êxito um carimbo postal.

Um ano antes das experiências de Darget, o Cel. Albert de Rochas tinha obtido casualmente uma “fotografia mental” com Eusápia Paladino. (Experiências de Agnelas).

Eis como a esse fato ele se refere:

“Na minha presença, certo dia, quis o Sr. M. de Watteville fotografar Eusápia entre o conde de Gramont e o Dr. Dariieux.

Feita a “pose”, pilheriava eu com o Dr. Dariieux a propósito da sua pequena estatura e por haver ele metido a mão na cava do colete, dizendo-lhe que, nessa atitude, lembrava Napoleão.

A “pose” não se modificou por isso, mas o que ninguém previa era o perfil de Napoleão a destacar-se nitidamente no fundo e acima da beirada de um vaso, à guisa de pedestal, sem que algo pudesse explicar essa aparência, a despeito de reiteradas experiências feitas no mesmo local.

Ainda hoje, a mim mesmo pergunto se o nome de Napoleão não teria despertado em Eusápia a lembrança de um busto por ela visto, e se tal lembrança não teria *coagulado* a matéria fluídica que emana quase constantemente das suas zonas hipnógenas.” (*Annales des Sciences Psychiques*, 1908, pág. 283).

Este outro caso, análogo ao precedente, é também interessante:

“Em 1905, o Sr. F. C. Barnes, industrial australiano muito conhecido no seu país, foi à casa do médium fotógrafo Bournell, na expectativa de obter, com o seu próprio retrato, uma manifestação espírita. Mas, contrariamente aos seus desejos, quando se revelou a chapa, o que apareceu sobre a cabeça dele, Barnes, foi o retrato, assaz nítido, da imperatriz Elisabeth, da Áustria.

Esse retrato existia, tal qual, no frontispício de um livro intitulado *The Martyrdom of an Empress*, que o Sr. Barnes havia lido e o levava a pensar muitas vezes na falecida soberana.” (*Annales des Sciences Psychiques*, 1912, págs. 217-218).

No caso de Eusápia, A. de Rochas supõe logicamente que uma matéria fluídica, emitida pela médium, se coagulasse em torno da imagem mental aflorada involuntariamente na mente da médium, para dar lugar, assim, a uma fotografia mental.

No caso do Sr. Barnes, as modalidades de exteriorização seriam algo diferentes, pois a imagem que ficou impressa na chapa havia sido produzida na mente do próprio experimentador.

Portanto, dever-se-ia admitir que os fluidos desprendidos pelo médium sejam eventualmente atraídos pela imagem exteriorizada, que lhe oferece o experimentador, e podem condensar-se de feição suficiente para tornar a imagem fotografável.

Essas conclusões têm enorme valor teórico.

É forçoso reconhecer, ao mesmo tempo, que elas representam a “hipótese menos ampla” que possamos formular a respeito.

Ao demais, a análise comparada dos fatos não faz mais que demonstrar a necessidade, a legitimidade, a firmeza inquebrantável dessas conclusões.

Com mais vagar, falaremos de algumas outras hipóteses, secundárias, complementares das que ora expusemos e às quais somos forçados a recorrer para tomar conhecimento dos fatos.

*

Passemos agora à citação de algumas experiências do mesmo gênero, realizadas pela srta. Felícia Scatcherd.

Antes do mais, acentuarei que essa investigadora pertinaz praticou a radiografia, a fotografia transcendental e a “escotografia” durante cerca de quarenta anos.

Também por isso, era considerada como pessoa das mais competentes no assunto.

Ela teve ocasião de fazer experiências com o comandante Darget, com o Dr. Baraduc, com Guillaume de Fontenay, com o arcediogo Colley.

Já dissemos ter sido ela quem propôs o vocábulo “escotografia” para designar as impressões supranormais obtidas sem aparelho fotográfico.

A propósito das suas experiências com o arcediogo Colley, é curioso assinalar o seguinte incidente por ela mesma relatado no decurso de uma conferência que fez na sede da *Aliança Espiritualista de Londres*, no dia 3 de fevereiro de 1921, e que a revista *Light*, do mesmo ano (pág. 206), transcreveu nestes termos:

“A título de exemplo, concernente ao perturbador problema da “fotografia do pensamento”, a srta. Scatcherd contou o seguinte episódio:

O arcediogo Colley contrariava-se freqüentemente com o fato de, nas fotografias transcendentais, a cabeça do “espírito” ficar envolta em uma nuvenzinha circular, em forma de auréola.

Ora, um dia foi ele retratar-se na companhia de um amigo, mas, desta feita, por motivo inteiramente alheio a pesquisas experimentais.

E eis que, com grande surpresa sua, lhe aparece na chapa a própria cabeça envolta em pequena nuvem semelhante a um halo.

A srta. Scatcherd, que estava presente, perguntou ao arcediogo qual a pessoa em que havia pensado no momento da “pose”.

Houve um instante de hesitação, passado o qual ele confessou que estava preocupado com a situação de um amigo, vítima de terrível crise moral, e que, por isso mesmo, formulara uma prece íntima a favor desse amigo.

Retruca-lhe, então, a srta. Scatcherd:

“– Neste caso, espero que doravante não se aborreça com o aparecimento das auréolas espíritas, para lhes reconhecer o extraordinário valor técnico, na fotografia.

“Assim é que os santos sempre foram vistos com essa mesma auréola, cuja existência acaba de revelar-se sobre a sua fronte.”

A revista *Light* reproduz a fotografia em apreço, na qual se verifica que a auréola do arcediogo Colley é absolutamente análoga às que aparecem nas fotografias transcendentais.

Conhecem-se, ao demais, várias outras fotografias idênticas, de pessoas que, no momento de tirá-las, estavam absorvidas por cogitações profundas.

Justo fora, portanto, inferir que, nestes casos, a auréola corresponde à substância fluídica, ou etérica, desprendida do órgão cerebral, quando intensamente trabalhado pelo pensamento, tal como nas fotografias de cooperação mediúnica e nas aparições de formas transcendentais, essa auréola se forma da substância fluídica, desprendida pelo médium, e graças à qual fotografáveis se tornam as imagens criadas pelo pensamento dos assistentes, ou pela vontade dos desencarnados.

Este segundo fato, também respigado das experiências da srta. Scatcherd, ocorreu espontaneamente na presença do arcediogo Colley, que era um poderoso *sensitivo*, tanto quanto o era a mesma senhorita:

“A 5 de julho de 1910, em virtude de urgente chamado, encaminhei-me apressadamente à estação e aí tomei o comboio para Stokton Rugby, onde reside o arcediogo Colley, tencionando regressar à noite desse mesmo dia.

Como estivesse ameaçando chover, ao partir apenas sobrepus uma capa impermeável ao caseiro vestido branco que trazia.

Não tendo sido possível regressar à noite, por falta de comboios, tive de pernoitar no presbitério.

Na manhã seguinte, à hora da partida, teve o arcediogo Colley a lembrança de me fotografar no jardim.

Colocou a placa no chassis, regulou o aparelho e chamou-me.

Durante a “pose”, por sinal rapidíssima, lembrei-me abruptamente da minha apressada partida na véspera, que me não permitiu tomar um vestido de passeio, e disse a mim mesma: “com aquela minha blusa bordada, certo, agora ficaria mais bem retratada”...

Dias depois, recebi um exemplar da dita fotografia. O arcediogo não tivera outro intuito, ao tirá-la, que o de possuir o meu retrato e,

assim sendo, ficou surpreso ao descobrir ao meu lado uma forma espiritual...

Mas, a mim o que me causou maior admiração foi o evidente esboço de reprodução da minha blusa bordada, aquela mesma blusa que eu imaginara no momento de “posar”, e que lá ficara bem arrumada no meu guarda-roupa.

Empreguei deliberadamente a palavra “esboço”, porque o desenho dos bordados não está visível; mas vê-se sobre o meu busto uma blusa diáfana, quando a que eu vestia, realmente, não passava de uma leve camiseta.

O que prova a identidade da blusa, por mim imaginada, é o arredondado das suas pontas, quando todas as demais que possuo as têm quadradas.

A título de contraprova, tomei o mesmo vestido que levava a Stokton Rugbi e fiz-me refratar no intuito de me certificar se a camiseta não continha costuras, pregas, ou quaisquer combinações outras, fortuitas, imperceptíveis o olho nu, porém, capazes de produzir uma imagem fictícia da blusa.

Nada disso encontrei, como, aliás, eu esperava.” (*Light*, 1913, pág. 356).

Noutro artigo da srta. Scatcherd sobre o mesmo assunto – artigo inserto em o número de fevereiro de 1921, pág. 126 – veio reproduzida a fotografia em questão, e nesta vemos a srta. Scatcherd de pé, da altura dos joelhos para cima.

A fotografia não é perfeita e a “forma espiritual” reduz-se a pequena nuvem ectoplásmica; mas o desenho diáfano, da blusa inexistente, é nítido e indubitável.

Este outro incidente narrado pela srta. Scatcherd é curioso e interessante:

No dia 24 de fevereiro de 1923, foi ela a Crew, visitar os famosos médiuns Srs. Hope e Buxton, com os quais entretinha velhas e amistosas relações, de dezesseis anos.

Levava consigo um pacote de chapas fotográficas, embora sem o intuito de utilizá-las, pois o seu fim era apenas trocar idéias a respeito

de uma projetada série de conferências na sede da *Sociedade de Investigações Psíquicas*.

Os três interlocutores não chegaram a um acordo sobre determinados pontos do dito projeto, e destarte decidiram recorrer aos seus “guias espirituais”, que costumavam manifestar-se por mensagens impressas em chapas fotográficas.

Retiradas do pacote duas chapas, a srta. Scatcherd marcou-as, assinou-as e lhes apôs um sinal especial e diferente para cada uma, antes de introduzi-las nos “chassis”, que foram colocados nos aparelhos.

Feitas as “poses” e reveladas as chapas, encontrou-se em uma delas a desejada mensagem, enquanto na outra, com grande estupefação dos médiuns, apareceu nítida, por trás do rosto da srta. Scatcherd, uma tampa de caixão funerário.

E ela acrescenta, então:

“A forma estranha da “tampa de caixão”, formada pelo ectoplasma condensado atrás de mim, não é, provavelmente, senão uma prova a mais da faculdade que tem a inconsciência para criar e objetivar imagens, como tantas vezes sucede nas experiências de fotografia transcendental.

Convém advertir, a propósito, que sábado à noite, em chegando à casa dos médiuns, aí encontrei algumas pessoas que regressavam das exéquias de um membro da Igreja Espiritualista de Crew.

Por outro lado, há a considerar que a filha do médium Sr. Buxton tinha, no mesmo dia, carregado o féretro de uma criança falecida na casa fronteira.

E quando, no dia seguinte, “posava” para tirar essa fotografia, o Sr. Buxton se encontrava na Igreja Anglicana, assistindo às exéquias da referida criança.” (*Light*, 1923, pág. 252).

Evidente é que a coincidência dos dois enterros com a experiência em apreço – e que afetavam pessoas da família dos médiuns –, tende a provar que a tampa do caixão, aparecida na chapa, filia-se ao fenômeno da fotografia mental.

Todavia, não é fácil determinar a subconsciência que teria fornecido tal imagem.

A da srta. Buxton seria a mais inculcável, por ser filha do médium e ter sido uma das pessoas que levaram o esquife ao cemitério; mas é preciso considerar também que ela não se encontrava em casa, no momento da experiência.

Entretanto, como assistia na ocasião ao enterramento da criança, esta circunstância poderia favorecer a projeção de um pensamento subconsciente, no gênero do que ficou impresso na placa fotográfica.

Poder-se-ia, ao demais, presumir que, estando todas as pessoas daquele ambiente mais ou menos impressionadas pelo acontecimento mais importante daquele dia – os dois enterros em que tomaram parte – a idéia geral de esquife estivesse, por assim dizer, no ar.

E assim, graças à circunstância favorável da presença de dois médiuns, uma imagem coletiva pudesse, talvez, concretizar-se o suficiente para impressionar a chapa fotográfica.

A *Light* reproduz a fotografia e nesta vemos a tampa do caixão por trás da srta. Scatcherd, nitidamente.

Nem há dúvidas possíveis: o que ali está é bem uma tampa de caixão.

Parece-me, portanto, impossível formular outra hipótese explicativa, fora daquela que afirma a existência de uma relação de causa e efeito: de um lado, os enterramentos ocorridos na localidade em que se realizou a experiência, e de outro lado o fenômeno da tampa de caixão surgida na placa sensibilizada.

Notarei mais, com relação à autenticidade do fenômeno, que no canto esquerdo da chapa reproduzida pela *Light* aparecem nítidas as três siglas que a srta. Scatcherd lhe havia apostado, a título de controle.

Esgotado, assim, o assunto de um dos fenômenos produzidos nas circunstâncias de que nos ocupamos, resta falar do outro: a mensagem obtida na chapa fotográfica.

Eis o texto dessa mensagem, ou antes, mais exatamente, dessas duas mensagens recebidas:

“Amigos,

Estou pronto para guiar-vos com os meus conselhos. Não aceitem desafios. Não seria curial esperar boa acolhida daqueles

que *mentiram* com referência a Stead. Não se iludam pensando que eles os poupem.

Arcediago Colley.”

“Caro Hope,

Penso como o arcediago Colley. Não hesites, não te impressiones, vai a Londres.

W. T. Stead.”

A srta. Scatcherd assinala que a primeira mensagem, assinada pelo arcediago, é a reprodução perfeita da sua caligrafia humana, e acrescenta que o fato de haver sido duplamente sublinhado o vocábulo *mentiram* é outro traço característico do signatário, que, quando na Terra, assim procedia invariavelmente na sua correspondência epistolar.

Essa variedade de mensagens fotográficas ocorre freqüentemente nas experiências de fotografia transcendental, de molde a reabrir o debate quanto às modalidades da fotografia transcendental, em geral. A propósito, preciso advertir que essas mensagens supranormais não são obtidas apenas quando se introduz a chapa no aparelho, e sim com esta fora dele.

Esta última modalidade do fenômeno leva-nos a supor que, também nos casos da chapa introduzida, não se trata de uma escrita substancial, exposta à objetiva, mas gravada diretamente na placa sensível, talvez auxiliada por minúsculo raio de luz ultravioleta, à guisa de pena.

Aditarei que o mesmo acontece no caso das fotografias transcendentais, de formas espirituais ou de formas mentais, obtidas mesmo com a chapa fora do aparelho.

É racional concluir, portanto, que também nos casos de fotografia transcendente, seja de formas espirituais, seja de “formas-pensamento”, tudo contribui para demonstrar que o fenômeno não se verifica mediante a interposição de imagens substanciais diante da objetiva fotográfica, mas, antes, devido a um processo misterioso, que atua diretamente sobre a chapa, nela desenhando formas humanas ou escrevendo mensagens.

O Sr. James Coates, autor do livro *Fotografando o Invisível*, com a autoridade de quem se especializou no assunto, a propósito dessas fotografias assim termina um de seus artigos:

“Em conclusão, aprendemos o suficiente para nos convenceremos do muito pouco que sabemos relativamente às modalidades ou processos de produção das fotografias supranormais.

Por outro lado, aprendemos que os supostos meios pelos quais se realizam essas fotografias, pressupondo que a forma do espírito se posta em face da objetiva, não são confirmados pelo exame dos fatos.

Assim é que, utilizando diversos aparelhos e focalizando as objetivas um dado ponto, a impressão apenas se dá em um aparelho.

Obvio, portanto, que se naquele ponto houvesse algo de substancial, todos os aparelhos o registrariam.

Com estes artigos espero haver demonstrado que os processos, graças aos quais se operam as fotografias experimentais, são certamente múltiplos, ao passo que as últimas experiências demonstram que as Inteligências operantes não se limitam a empregar sistemas de antemão fixados...” (*Light*, 1921, pág. 122).

Assim se exprimindo, não pretende o Sr. Coates negar a existência das formas espirituais autênticas, do pensamento, que não sejam substâncias, fotografáveis e fotografadas.

Ele quer somente dar a entender que as Inteligências operantes conseguem obter o fenômeno em apreço sem necessidade de recorrer à objetivação de imagens substanciais, o que é uma verdade incontestável.

De qualquer forma, para sermos corretos na ilação dos fatos, notarei que a circunstância da convergência de várias objetivas, com a só impressão de uma imagem supranormal, não basta para demonstrar que no ponto dado não houvesse nenhuma forma, qualquer imagem substancial.

Lembrarei, a propósito, um caso que se lê no livro intitulado *From the other side*, publicado em 1925, por J. H. Miller.

Esse investigador perguntou à Inteligência operante em que consistiam os efeitos exercidos pelos fluidos sobre as chapas fotográficas, e foi-lhe respondido: “*no fato de se tornar a chapa indicada mais sensibilizada do que as outras*”.

Ora, esta explicação, absolutamente racional e aceitável, é teoricamente preciosa, porque leva logicamente a considerar que, “se a chapa indicada se torna mais sensibilizada”, este fato explica de modo admirável o motivo pelo qual, na convergência de várias objetivas para um dado ponto, só uma chapa fica impressionada pela imagem substancial lá existente.

Ao demais, há um fato tendente a demonstrar que, se é verdade que algumas pretensas fotografias de imagens supranormais são, na realidade, desenhos, menos verdade não é que numerosas imagens dessa espécie devem ser, positivamente, formas espirituais projetadas de fora da chapa fotográfica.

É o caso dos clarividentes que, quando assistem a quaisquer sessões, descrevem de antemão as formas espirituais que se colocam diante da objetiva, concordando as suas descrições com o resultado da fotografia.

Lembrarei, neste particular, o episódio do Rev. William Stainton Moses, que diz perceber à direita do Dr. Speer (o qual “posava” diante da objetiva) uma forma por ele minuciosamente descrita, tal como apareceu posteriormente na chapa revelada.

O Dr. Speer, por sua vez, reconheceu nesse retrato uma sua irmãzinha falecida quarenta anos antes, na idade correspondente à imagem obtida.

Igualmente lembrarei as experiências bem conhecidas do Sr. Beattie, durante as quais os *sensitivos* previamente descreviam as formas que se apresentavam diante da objetiva e cuja autenticidade ficava depois invariavelmente averiguada.

Ora, se levarmos em conta a freqüência dessas descrições antecipadas, das formas que devem impressionar e aparecer depois nas placas sensíveis, seremos forçados a concluir que os casos de objetivação propriamente dita de formas espirituais e de imagens mentais são mais numerosos do que aqueles em que a fotografia é um desenho supranormal, executado sobre a placa sensibilizada.

Dada essa explicação, volto à narrativa de outros exemplos de fotografias do pensamento.

A Sra. Cordélia A. Grylls enviou à *Light* (1921, pág. 559) o seguinte relato de um episódio com ela mesma ocorrido.

Começou por dizer que uma de suas amigas, tendo perdido a mãe e desejando obter desta uma fotografia mediúnica, lhe escreveu pedindo um conselho.

A Sra. Grylls conduziu-a à casa de um senhor de suas relações, possuidor de notáveis faculdades mediúnicas, posto que de longa data houvesse deixado de exercê-las.

Recebidas amavelmente e atendidas no que desejavam, fizeram seis “poses” e voltaram mais tarde para conhecer o resultado.

E continua dizendo a Sra. Grylls:

“Na sexta chapa, sobre a qual estava retratado o Sr. X..., percebiam-se nitidamente luminosidades e nuvens em torno do seu busto.

Na quinta chapa, com o meu retrato, via-se profundamente impressa a imagem de um pêndulo!

Minha amiga e eu reconhecemos logo nessa imagem um símbolo transmitido por meu pai, em quem eu havia pensado intensamente durante a “pose”.

O pêndulo em questão é absolutamente semelhante ao de um relógio.

Ele tem na fotografia o comprimento de 23 milímetros e fica distante sete milímetros do meu perfil, como se meu olhar nele se fixasse.

Convém esclarecer, a propósito, que havia alguns meses vinha eu recebendo comunicações de uma entidade que se dizia ser meu pai, e isto justamente pelo *processo do pêndulo oscilante*.

Meu pai informou ter sido ele quem projetou a imagem do pêndulo na chapa, a fim de me demonstrar que eu possuía faculdades materializantes, que ele definiu por “aptidão para tomar conhecimento do invisível”.

Note-se que a representação é fruto do seu, e não do meu pensamento.”

Tal a opinião da senhora que relata a experiência, com relação à origem extrínseca da imagem obtida.

Não há razão para impugnar essa opinião como carente de fundamento, mas como não possuímos provas positivas a respeito, deixaremos de considerá-la, para concluir advertindo que, se aí supusermos um fenômeno de objetivação mental, é forçoso convir em que, de acordo com as regras expostas no princípio deste capítulo, a imagem do pai não se objetivou, justamente porque a Sra. Grylls nele pensava intensivamente, ao passo que a do *pêndulo oscilante*, no qual não pensava no momento, mas vibrava nos refolhos do seu subconsciente (de vez que era o instrumento mediúnico por ela habitualmente utilizado), pôde concretizar-se e impressionar a chapa.

Muito notável, também, essa afirmativa de um “Espírito”, de consistir a faculdade materializante dos médiuns, na “aptidão para tornarem visíveis os pensamentos”, em concordância perfeita com a tese por mim sustentada nesta obra e, sobretudo, com a análise comparativa dos fenômenos de fotografia transcendental.

Melhor ainda, casa-se ela com os fenômenos da *ideoplastia*.

Em outros termos: tudo contribui para demonstrar que a faculdade de “tornar visível o pensamento” é uma faculdade eminentemente espiritual, que, no decurso da existência corporal, emerge de modo rudimentar e esporádico nos médiuns e *sensitivos*, para se tornar faculdade normal no mundo espiritual, após a crise da morte.

Este outro caso contém pormenores teoricamente decisivos para o meu ponto de vista. Veio publicado na *Light*, de março de 1921 (pág. 172), acompanhado das respectivas fotografuras:

“No passado mês de agosto, os Srs. Goodwin e West dirigiram-se a Crew a fim de visitarem os médiuns Sr. Hope e Sra. Buxton.

Experimentaram diversas “poses” e numa das chapas obtiveram o retrato supranormal de um cunhado do Sr. West, falecido seis anos antes.

No mês de outubro, repetiram de surpresa a visita.

O Sr. West levava consigo um medalhão porta-retrato, no qual havia uma fotografia do cunhado, no intuito de mostrar ao médium Hope a semelhança perfeita dos traços fisionômicos do defunto com a prova obtida meses antes.

Premunira-se igualmente de algumas chapas, na esperança de poder realizar novas experiências.

O médium Hope anuiu de bom grado a uma outra sessão, e quando os quatro circunstantes se assentaram em torno da mesa, para se concentrarem e orarem, o Sr. West tirou do bolso o medalhão e mostrou-o aos médiuns, que reconheceram a perfeita semelhança dos dois retratos – o humano e o espiritual.

Isto posto, o Sr. West guardou cuidadosamente o medalhão no respectivo estojo e o enfiou num bolso interior, onde sempre o trazia por excesso de precaução.

Começou a sessão.

Os Srs. West e Hope retiraram-se para a câmara-escura, onde o primeiro desembrulhou as chapas que consigo levava, retirando duas de entre elas, que marcou com as suas iniciais e introduziu nos “chassis”.

Levou depois, ele mesmo, esses chassis à varanda envidraçada, que serve de estúdio ao médium Hope, e lá os colocou no aparelho.

Ao lado do aparelho colocaram-se os médiuns e fizeram, então, as “poses”.

West e Hope retiraram-se em seguida para a câmara escura e aí revelou West, em pessoa, os negativos.

Logo que foi possível examiná-los à luz do dia perceberam com admiração geral, numa das chapas, a perfeita reprodução do porta-retratos e sua respectiva fotografia, tudo quadruplicado do tamanho original e superposto aos semblantes do Srs. West e Goodwin.

Os mínimos detalhes do medalhão foram reproduzidos de modo admirável.

Como explicar semelhante fenômeno?

Notarei que, em circunstâncias análogas, já se aventou a hipótese da “projeção mental” de um ou de todos os assistentes.

Mas, também não fora irracional supor que o mesmo fenômeno, em sua realidade, seja proveniente de operações espirituais...

Convidamos nossos leitores a examinar maduramente o que acabamos de relatar, tendo à sua disposição os fatos e fotografias, que importa sejam entre si comparados.”

Tal como vemos, ainda neste caso, o narrador pende para a interpretação espírita, mas nós não a levaremos em conta, de vez que nenhuma circunstância no-la sugere.

Frisaremos ao mesmo tempo que, do ponto de vista que sustentamos, isto é, o da realidade das imagens mentais objetiváveis e fotografáveis, é indiferente opinar por uma ou outra interpretação, visto que, tanto na hipótese espírita como na do subconsciente, o fenômeno da reprodução supranormal do medalhão não pode ter outra origem senão a da objetivação do pensamento.

Se optarmos pela interpretação espírita, podemos dizer que foi a vontade de uma inteligência de desencarnado que projetou, diante da objetiva fotográfica, aquela imagem concretizada; se, ao invés, preferirmos a interpretação subconsciente, deveremos dizer que a prolongada contemplação, por parte dos assistentes, do referido medalhão, foi a causa da objetivação de imagem análoga, graças ao esforço da mentalidade coletiva subconsciente dos assistentes, ou à atividade dos médiuns somente.

Também convém não perder de vista que, no caso em apreço, a objetivação do pensamento é tão evidente que não há controvérsia possível a respeito, mesmo entre metapsiquistas de campos teoricamente opostos.

E para o momento é o que nos deve bastar.

Reservei-me para tratar em último lugar das célebres experiências do professor Ochorowicz com a médium srta. Tomezyk, experiências realizadas durante alguns anos e das quais os *Anais das Ciências Psíquicas* publicaram o relatório em longa série de artigos (1910 a 1912).

Guardei essas experiências para o fim, porque elas são, do ponto de vista científico, as mais importantes, a exigir-nos maior desenvolvimento nos comentários.

O professor Ochorowicz chegou, por suas próprias experiências, a concluir que o pensamento tem a faculdade de exteriorizar-se e que as imagens mentais revelam propriedades actínicas, visto impressionarem as chapas fotográficas.

Nas experiências de que tratamos notam-se dois casos mais particularmente interessantes e consistentes nas fotografias de um dedal e da Lua.

Eis como ele, Ochorowicz, relata o caso do dedal:

“Novo fenômeno extraordinário se apresentou na sessão de 22 de setembro de 1911. Vimos que, em várias radiografias da mão esquerda da médium, perceptível se tornava o anel que ela habitualmente usava.

Esse fenômeno como que indicava:

- 1º) que existe qualquer união entre o corpo e os objetos que o revestem;
- 2º) que a noção ocultista, fisiologicamente nova, da existência de um “corpo astral” não será possivelmente limitada aos seres vivos.

Uma só dúvida se nos apresenta neste momento: é que, nesse caso, como explicar o aparecimento do anel apenas em algumas e não em todas as fotografias?

Considero a dificuldade de empreender pesquisas nesse sentido, mas, por outro lado, considero que as pesquisas experimentais constituem, nestes tempos, a única base cuja legitimidade reconheço nesta categoria de idéias.

De qualquer forma, parece-me que um pormenor poderia verificar-se facilmente, qual o de nos certificarmos se a reprodução de objetos, não usados pelo médium, também seria possível nas fotografias do seu “duplo”.

E comecei por escolher um dedal de prata, do qual ela raramente se utilizava...

Entreguei-o à sonâmbula, explicando-lhe o que pretendia.

Ela, entretanto, achou a tentativa pouco interessante e me propôs complicá-la.

– Ponha o dedal em um dos seus dedos e, com a outra mão, mantenha-se em contacto comigo, que talvez o dedal passe para o meu dedo através do seu corpo. Vamos! Quem sabe? experimentemos...

– Mas é absurdo o que dizes!...

Todavia, lembrando-me do que alhures disse Charles Richet, isto é, que na metapsíquica importa não recuar, mesmo diante do que nos pareça insensato, nada mais aleguei e, abrindo a caixa das chapas “Elka”, de 13 x 18, marcando uma delas a lápis, coloquei-a sobre o joelho da médium, que estava sentada à minha direita.

Com a mão direita segurei a sua esquerda, mantendo-a acima da chapa cerca de quarenta centímetros, enquanto a esquerda, com o dedal no dedo médio, era levada para trás do meu joelho esquerdo.

Esperamos o fenômeno com a lâmpada acesa sobre a mesa, à distância de um metro.

Decorrido um minuto, disse a sonâmbula:

– “Sinto formigamentos na região do antebraço, onde a tua mão me toca... É curioso!... Colocam-me qualquer coisa na ponta do dedo médio... Se é o dedal, não sei; sinto apenas algo que me aperta de contínuo a extremidade do dedo...

“Pelo que me diz respeito, nada vejo, não experimento sensação particular qualquer (nem sopro, nem tremores, nem coisa semelhante), mas *sinto o dedal no dedo médio da mão esquerda* e procuro controlar essa impressão, servindo-me constante e alternativamente do polegar e do próprio joelho.”

Uma dor não muito viva experimentada pela médium, na sua mão esquerda, terminou a experiência.

Verificamos, então, no clichê uma mão esquerda talvez um pouco menor que a da médium, salvo o terceiro dedo, aparentemente mais longo, isto é, prolongado por um... dedal!

Tanto o dedal como o dedo parecem afilados na fotografia, o que constitui detalhe normal da radiografia de objetos redondos, quando a luz está próxima.

A parte inferior do dedal, salvo a borda dupla, é menos escura (no positivo) do que a parte superior, o que já deixa de corresponder a uma projeção radiográfica para tomar a aparência comum de um dedal, qual o vemos.

Finalmente, engaste de vidro abaulado mal se distingue, como se fora assaz transparente para tornar-se visível.

Em uma palavra: essa imagem nos causa uma impressão mista, desconcertante.

Não é uma forma esboçada naturalmente, de vez que não apresenta senão a parte central do objeto.

Não é radiografia de perfil, pois que não se vêem detalhes de superfície, incompatíveis com uma simples projeção.

Tão-pouco é fotografia comum por meio de reflexão, visto que, neste caso, a luz deveria aclarar o objeto de frente e isto, sem objetiva nem câmara-escura, teria por efeito único velar a chapa.

Não é, finalmente, uma radiografia Roentgen, isto é, por transparência parcial, por isso que as partes igualmente espessas do metal são atravessadas de modo desigual e a mão se mostra antes menos transparente do que o metal.

O metal!... Mas, que metal?... Se nada existia no dedo da médium!

Sim, uma vez que o dedal me não saiu da mão, que manteve afastada, sem qualquer relação com a placa.

Disso estou eu absolutamente certo, como certo estou, igualmente, da impossibilidade material de uma simples projeção da mão da médium.

A sensação que ela experimentou no dedo foi apenas objetiva. E, neste caso, como admitir que essa sensação consiga fotografar, como se de real tivesse algo?

É preciso convir que, não sendo esta a mão da médium, mas do seu “duplo”, também a imagem do dedal, com a qual ela forma um todo harmônico, não é a fotografia do dedal, mas do seu “duplo”...

Do seu “duplo” – ou da *idéia do dedal...*” (*Anais das Ciências Psíquicas*, 1912, pág. 164-166).

O Dr. Ochorowicz observa, em seguida, que este fato só pode dar lugar a duas hipóteses explicativas: ou se atribui a “desdobramento fluídico” do dedal, vindo colocar-se no dedo da médium, ou há que recorrer-se para a “fotografia do pensamento”.

E acrescenta que, do ponto de vista físico e químico, as duas hipóteses se equivalem, uma vez que ficam ambas fora do quadro dos nossos conhecimentos atuais.

Assim, conclui:

“Qual dessas duas concepções, igualmente extravagantes, estará mais próxima da verdade? Pense cada qual como quiser, essa experiência existe e contém em si uma verdade, e verdade nova, pois que as antigas não se lhe adaptam...”

Ochorowicz tem razão em insistir que, seja qual for a explicação que pretendam dar desse mistério, *o fato não deixa de existir*, isto é: que seria vão, absurdo, antifilosófico, anticientífico, fingir ignorá-lo, para conservar tranqüila a consciência científica de fisiologista ou psicólogo universitário.

A propósito desse episódio, Ochorowicz pediu esclarecimento ao *duplo da médium*, ou seja, à entidade operante, travando-se o seguinte diálogo:

“*Ochorowicz*: – Pois bem, explique-me o caso do dedal.

Duplo: – Destaquei dele a parte fluídica e transportei-a para o meu dedo.

– Mas, estava ela também no dedo da médium?

– Não.

– E a sensação que a médium acusou?

– Era natural, porque ficamos unidos e, quando sinto alguma coisa, também ela deve senti-la.

– E depois?

– Coloquei minha mão ornada com o dedal sobre a chapa, eis tudo. Quanto à luz, não sei como ela se fez, mas sei que provinha da médium.”

Estes esclarecimentos do “duplo” nos ensinam que o “dedal-fantasma” não se condensara sobre o dedo carnal e sim sobre o dedo fluídico, que se exteriorizara para impressionar a chapa.

Em todo caso, compreende-se que em tais circunstâncias a sonâmbula devesse ressentir a impressão do dedal no seu dedo carnal, como sucede nas experiências de desdobramento, nas quais, em se tocando com uma pinça o ponto no qual se localiza o “fantasma desdobrado” o sonâmbulo acusa dor nos lugares correspondentes.

Daí resulta ser igualmente preciso concluir que o caso em apreço constitui um exemplo raro de “imagem mental”, não apenas fotografada, mas percebida pela sonâmbula, sob a forma de sensação tátil.

Quanto à hipótese preferível entre as duas apresentadas por Ochorowicz, quero crer que, no fundo, a primeira se enxerta na segunda.

Mesmo que o dedal fluídico se constituísse de substância subtraída do dedal metálico, não deixaria de ser sempre uma imagem fotográfica, criada pela vontade subconsciente da médium, ou seja, por seu pensamento.

Em outros termos: tanto faz supor que a substância fluídica necessária tenha sido subtraída do objeto imaginado, do ar ou do éter ambiente, pois o que se nos impõe é a evidência de um fenômeno exteriorizado, mercê da força “plástica” e organizadora, inerente ao pensamento.

Passemos agora ao segundo caso, tomado às mesmas experiências e referente a uma fotografia mental do disco lunar.

Do ponto de vista científico, este caso será, talvez, mais importante que o do dedal, porque o Sr. Ochorowicz, depois de haver obtido espontaneamente a imagem da Lua em relação com o pensamento da médium, executou experiências outras, tendentes a obter a mesma imagem de modo experimental, conseguindo-o mais de uma vez – o que

prova, melhor ainda, que o fenômeno da fotografia mental deve ser conceituado como fato cientificamente averiguado.

Eis a narrativa do Dr. Ochorowicz:

“Lembramo-nos de que na noite de 7 de setembro minha sonâmbula fora fortemente impressionada pelo soberbo espetáculo do céu estrelado, máxime pela Lua cheia, que ela contemplou admirativa e longamente.

Proveio-lhe daí uma excitação de curiosidade científica, a par de uma obsessão sensorial durável, a manifestar-se na primeira ideoplastia involuntária, obtida no dia seguinte.

Em vez da *mãozinha* por nós ambos desejada, surgiu na chapa uma *Lua cheia*, ao fundo de uma nuvem branca.

À primeira vista, nada compreendemos de tudo aquilo, de vez que a nuvem mascarava a Lua, formando como que uma só mancha irregular.

No dia seguinte, notei a rodinha branca do lado do vidro. E apressei-me a tirar uma prova positiva.

Não era isso coisa fácil, pois a impressão era tão forte, que, para separar a Lua da nuvem, foi necessária uma exposição de cinco horas ao Sol, sobre papel cloretado, e de oitenta segundos sobre papel bromurado.

De outra forma, a Lua teria desaparecido na nuvem.

Enfim, diversas cópias permitiram assegurar:

- 1º) Que era realmente a Lua;
- 2º) Que a imagem correspondia exatamente à visualização da médium;
- 3º) Que a impressão fora dupla, ainda que as duas imagens muito aproximadas fizessem o efeito de um só disco oblongo...

Fisiologicamente considerada, essa imagem mental parece não ter relação com o cérebro.

A chapa não foi colocada na frente da médium, nem nessa nem noutras experiências positivas.

Daí, concluo que a ideoplastia fotográfica pode não ser devida a uma ação direta do corpo, em geral, e do cérebro em particular,

mas, antes, encontrar-se conjugada com o “cérebro etérico”, ou, em geral, com o corpo etérico exteriorizado.

Aqueles a quem repugne a hipótese de uma Fisiologia transcendental haverão de contentar-se com uma explicação espiritualista, sem precisar o *modus operandi* físico-químico da alma, à distância.

Mas, a bem dizê-lo, isso não passaria de confissão da nossa profunda ignorância.

Devo acrescentar que as imagens mento-visuais fotografadas também me parecem independentes de qualquer relação com a retina.

A médium não fixava a chapa, e de uma vez que o fez deliberadamente, contemplando uma garrafa iluminada à luz vermelha, nada foi conseguido.

Do ponto de vista psicológico, é de notar que, no momento de produzir-se o fenômeno, a imaginação foi o campo de uma luta entre duas obsessões: uma consciente e voluntária, de uma *mãozinha*; outra, inconsciente e involuntária, a da *Lua cheia*, que se imprimiu.

Foi, pois, esta ultima que superou a outra, o que parece indicar que a obsessão inconsciente está em relação mais íntima com o mecanismo ainda desconhecido da ideoplastia fotográfica...

Todas as considerações que acabamos de ler prendem-se à suposição que tínhamos, de que se tratava, realmente, de uma “fotografia do pensamento”.

Esta certeza não poderia eu ter desde logo e o único meio de consegui-la seria uma repetição da experiência, ou antes, na tentativa de transformar a suposta ideoplastia fotográfica inconsciente em ideoplastia consciente e desejada.

Nesse intuito, pedi à médium que pensasse nitidamente na Lua cheia, a fim de tentarmos nova experiência.

A 11 de setembro obtive o clichê nº 16.

Era alguma coisa de semelhante à fotografia anterior, se bem que de aparência um tanto esquisita.

A nuvem é análoga, mas a Lua difere muito.

Não é uma lua – disse eu à médium – é antes um botão!

Efetivamente, a fotografia representava como que dois discos, embutidos um no outro, com uma terceira mancha muito menor no centro.

Essa mancha é mais escura que o segundo círculo, assim como este o é mais que o primeiro.

De resto, nenhum deles é mais claro que o fundo da nuvem.

(Mais adiante veremos as explicações que o “duplo” deu a respeito.)

Minhas críticas provocaram novos esforços da médium, originando, então, o fenómeno inverso: das duas luas, a primeira, menor, é mais clara; e ambas mais claras do que o fundo...

Uma nova experiência, no dia 23 de setembro, produziu uma figura quase inteiramente semelhante à primeira ideoplastia inconsciente.

Em todo caso, a similitude é bastante para confirmar que, já da primeira vez, obtivéramos uma verdadeira fotografia mental.

Finalmente, a impressão obtida no dia 8 de outubro deve ser considerada como esforço máximo da médium, que, adivinhando minhas dúvidas suscitadas pela “lua-botão”, concentrou melhor o pensamento consciente, para satisfazer-me.

Esta última prova é particularmente interessante, pelo fato de apresentar quatro ou mesmo cinco impressões lunares de tamanhos diferentes e ao mesmo tempo sem nuvens, que foram substituídas por uma auréola circundando as impressões mais fortes.

O lado da imagem mais fracamente impresso não apresenta esta particularidade; mas também a forte impressão da auréola não prejudica a nitidez dos contornos.” (*Anais das Ciências Psíquicas*, 1912, págs. 205-209).

No curso de uma sessão ulterior, o doutor Ochorowicz pediu ao “duplo” da médium explicações sobre os detalhes enigmáticos notados nas fotografias lunares.

Aqui transcrevo uma parte do diálogo travado a respeito:

“*Ochorowicz*: – Haverá, realmente, uma “fotografia do pensamento”?”

Duplo: – Sim.

– Haverá um intermediário material entre o pensamento e a placa sensível?

– Não. É só o pensamento que opera.

– Como?

– Não sei.

– Mas, se não há elemento intermediário que se desloque, de onde provêm essas impressões duplas, triplas, etc.?

– Dos reiterados esforços da médium.

(Esta opinião, que agora me parece razoável, era então contrária ao meu modo de ver).

– Porque a primeira lua obtida a meu pedido assemelha-se antes a dois botões incrustados um no outro?

– A médium não sabia concentrar o pensamento e figurava uma lua maior ou menor, mais clara ou mais escura, determinando, assim, círculos concêntricos.” (Idem, pág. 237).

Estas últimas explicações, a propósito das múltiplas impressões do disco lunar, pareceram ao Dr. *Ochorowicz* absolutamente fundamentadas e decisivas.

Certo, não se poderia encontrar para o fato uma explicação melhor.

Quanto à primeira pergunta, relativamente à existência eventual de um *intermediário material* entre o pensamento e a placa sensível, presta-se ela a interpretações dúbias, tanto quanto a resposta obtida.

Quero eu dizer que não se compreende bem se os interlocutores, ao se referirem a um *intermediário material*, queriam, com isso, definir uma substância ectoplásmica, propriamente dita, ou uma condensação puramente fluídica, do pensamento.

No primeiro caso, o “duplo” teria tido razão para responder pela negativa; mas no segundo não se poderia dizer outro tanto, visto que a análise comparada dos fatos não lhe daria razão.

Prova-o, também, a fotografia do dedal, realizada graças à médium.

Ela explicara, então, haver subtraído ao dedal metálico a *substância fluídica*, para com ela formar um dedal fluídico e desdobrado da médium, ao mesmo tempo em que ela, médium, percebia o contacto e a pressão constante sobre seu dedo carnal.

Feita esta observação em homenagem à correção teórica, cumpre acrescentar que, se houvesse contradição nas afirmativas do “duplo”, sair-se-ia ele airoso do “impasse”, de vez que confessou *ignorar* como se exercia a ação do pensamento na placa sensível, o que significa que as explicações a respeito fornecidas não representam mais que a sua opinião pessoal de “duplo”, e nada mais.

De resto, se é provável e também racional que, nas experiências de “fotografia mental”, não se chega, jamais, ao fenômeno de condensação ectoplásmica, propriamente dita, tal não se dá com os fenômenos de *ideoplastia*.

Esta demonstra que o pensamento e a vontade são forças prodigiosas, não somente capazes de impressionar diretamente uma placa sensível, ou condensar fluidos bastantes para tornar fotografável uma imagem, como também de modelar a imagem, e mais ainda, materializar membros do corpo e até corpos organizados, tal como vamos demonstrar no capítulo seguinte.

*

Antes, porém, de abandonar o tema da fotografia mental, será útil assinalar o lugar que ela ocupa na escala das graduações fenomênicas colhidas pela potência criadora do pensamento, a fim de traçar os limites teoricamente possíveis dos fenômenos de que tratamos.

O escopo não é fácil, devido ao que discuti a fundo em outros trabalhos meus, ou seja, que as faculdades supranormais subconscientes – por conseguinte, também o fenômeno da objetivação do pensamento – são faculdades do espírito, latentes na subconsciência humana e prontas a emergir e atuar num ambiente experimental, depois da crise da morte.

Nessas condições, dever-se-á dizer que o fenômeno da fotografia mental surge como uma das múltiplas modalidades pelas quais essa faculdade pode aflorar e exercer-se de maneira rudimentar e esporádica, no curso da vida terrestre.

É, todavia, uma emergência só verificável sob a condição de ficarem as funções da vida de relação temporariamente atenuadas, enfraquecidas ou suprimidas, o que, para a categoria dos fenômenos que ora nos ocupam, se constata nos estados sonambúlicos e mediúnicos.

Dessas considerações ressalta, necessariamente, que tudo quanto possa fazer um espírito *encarnado*, também pode ser feito por um espírito *desencarnado*; e, portanto, que *a realidade da fotografia transcendental do pensamento dos vivos implica a possibilidade da fotografia transcendental realizada pela projeção de pensamento dos defuntos*.

Isto vale por dizer que encontramos na categoria dos fenômenos da “fotografia transcendental” a mesma coisa que já encontramos em todas as categorias de fenômenos metapsíquicos, dos quais ressalta – e não pode deixar de ressaltar – que esses fenômenos são em parte anímicos e em parte espirituais.

Com efeito, sendo o homem um *espírito*, embora *encarnado*, deve poder realizar em vida, posto que imperfeitamente, o que pode realizar um *desencarnado*, sempre que se encontre em condições mais ou menos acentuadas, de desencarnação transitória e parcial, quais ocorrem no sono fisiológico, no sono provocado, no êxtase, nos estados mediúnicos e nos momentos pré-agônicos.

Um ponto importante a esclarecer: como distinguir os casos de fotografia transcendental, de origem anímica, dos de origem espiritual?

É uma distinção nem sempre fácil.

O só fato de uma personalidade desencarnada afirmar que projetou a própria imagem na chapa fotográfica não pode bastar à nossa convicção.

É preciso, por conseguinte, dar grande apreço às provas de identidade, muitas vezes obtidas concomitantemente ao fenômeno da fotografia de um morto.

Nesta ordem de provas, há casos citáveis, de natureza a triunfarem de todas as objeções.

Há, enfim, uma espécie de casos a respeito dos quais é impossível suscitar dúvidas, no que concerne à sua origem, positivamente estranha ao médium e aos assistentes.

Refiro-me àqueles casos em que a figura retratada é desconhecida do médium e dos assistentes, para ser identificada mais tarde.

Nestas circunstâncias, é claro não ser possível jogar com a hipótese da “fotografia do pensamento subconsciente dos assistentes”, para recorrer à hipótese complementar da “fotografia do pensamento consciente de um espírito desencarnado”.

São fatos estes que devem ser tomados como excelentes provas de identificação espírita.

Um fato dessa natureza encontra-se na obra *From the other side*, de J. H. D. Miller, já por mim citado.

Ei-lo:

“Ouvira eu dizer que na pequena cidade Crew havia um centro espírita no qual se obtinham fotografias transcendentais, e, precisando ir ao continente por motivos de negócios, decidi interromper de algumas horas a viagem, a fim de tentar uma experiência daquela natureza.

Sem conhecer qualquer membro do referido grupo, lá me apresentei, não obstante, à Rua do Mercado nº 144, onde soube que o médium Sr. Hope estava em casa.

Trata-se de um homem de pequena estatura e de maneiras afáveis, simples artista que reside num apartamento, sem maiores pretensões.

Os seus dispositivos e utensílios fotográficos são evidentemente primitivos.

Eu levava comigo um pacote com doze chapas fotográficas compradas em Belfast.

Assentamos em torno de pequena mesa, eu, o Sr. Hope, uma senhora cujo nome não me ocorre e a srta. Scatcherd, de Londres, que, tendo vindo a Crew para fazer uma conferência espírita, aproveitara o ensejo de uma visita ao médium Hope.

A este informei que trouxera comigo as doze chapas e ele pediu-me que as colocasse no centra da mesa.

A senhora cujo nome esqueci cantou, então, um hino sacro e disse uma prece.

A seguir o Sr. Hope tomou o pacote das chapas e o manteve entre as mãos, enquanto por nossa vez colocávamos as nossas sobre as dele.

Decorridos uns quinze minutos, um tremor pronunciado começou visivelmente a sacudir o braço do médium, comunicando-se às outras mãos e ao pacote de chapas.

Dirigindo-se, então, a uma entidade invisível, o médium disse: — “Obrigado; desta vez conseguiremos.”

O pacote foi novamente colocado em cima da mesa e o Sr. Hope refez o invólucro, recitando, por sua vez, uma prece.

Convidou-me a meter no bolso o embrulho para segui-lo à câmara-escura, onde acendeu uma pequena lâmpada vermelha.

Depois, mandou-me abri-lo e dele retirar duas chapas para colocá-las nos chassis, o que fiz depois de havê-las marcado a lápis com o meu nome.

Passamos em seguida a uma pequena câmara envidraçada, na qual se encontrava uma máquina fotográfica, que foi por mim examinada minuciosamente.

Isto feito, entreguei ao Sr. Hope os dois chassis, que foram por ele colocados no aparelho.

Assentei-me, então, como se faz comumente diante da objetiva, enquanto o Sr. Hope e a tal senhora se colocavam respectivamente de cada lado do aparelho, segurando cada qual um pano preto, durante a “pose”.

Terminada esta, reentramos na câmara-escura, onde retirei eu mesmo as placas dos chassis, depositando-as na cubeta a fim de serem reveladas.

O Sr. Hope derramava o líquido, enquanto me ocupava eu mesmo da revelação.

Quando ele me advertiu de que o banho estava completo, coloquei a cubeta debaixo da torneira para a competente lavagem.

Foi-me dado, então, perceber numa das chapas, assaz visível, uma cabeça ao lado da minha.

Examinei depois a chapa contra a luz e certifiquei-me de que se tratava do semblante de meu filho, pelo que fiquei profundamente admirado e comovido.

Enquanto durou a experiência, o Sr. Hope não tocara as chapas e jamais elas deixaram de estar um instante fora das minhas vistas, salvo, bem entendido, o tempo que estiveram dentro do aparelho.

Só então, dei o meu nome e endereço, para saudar os assistentes e retirar-me.

Dias depois, recebi os retratos, dos quais vai um reproduzido neste volume...

De regresso ao meu lar, tivemos uma sessão com o médium Nugent, na qual presto se manifestou Hardy, dizendo: “Que tal, papai? Que pensas tu do retrato? Ficou bom?”, ao que por minha vez respondi:

– Maravilhoso! Mas, explica-me, como te arranjaste para produzi-lo?

– “Impossível explicar-te a natureza dos poderes em jogo – disse ele – de vez que os ignoro; mas, posso descrever-te como as coisas se passaram.

“Quando você se assentou em torno da mesa, “Sing” (o *Espírito-guia*) e eu colocamo-nos atrás de você.

“Vários outros Espíritos especializados em fotografia transcendente estavam conosco e o mais hábil de todos se conservou ao lado do médium, a fim de reunir e condensar os fluidos subtraídos de você, como de nós, para encaminhá-los ao embrulho das chapas, através dos braços do médium.

“Notaste, certamente, o tremor dos braços e das mãos do médium.

“Quando as chapas ficaram saturadas das forças exteriorizadas, estas se derramaram sobre mim, e “Sing” ordenou-me que pensasse numa boa objetivação da minha aparência terrena.

“Os panos que se notam à volta do meu rosto são o produto dos fluidos por mim utilizados para me materializar de modo rápido, mas não obstante suficiente.

“Quando você colocou as chapas nos chassis, concentrei meu pensamento na aparência que eu aí tinha na Terra, e enquanto durou a “pose” eu estava ao seu lado.

“Papai, se você naquele instante se voltasse, ter-me-ia visto nitidamente; mas isso também importaria no fracasso da experiência.”

– Qual o efeito dos fluidos sobre as chapas?

– Não saberia dizer de modo preciso, mas acredito que a chapa preferida se torna mais sensibilizada que as demais.

– Esta explicação parece-me razoável.

– Caro papai, nas tuas conversas não deixaste nunca de me falar da necessidade de fornecer-te sempre provas de identidade pessoal. Longe estou de lastimar essa exigência, de resto justificável, mas quero crer que esta última prova fotográfica ponha termo às tuas dúvidas e constitui excelente fecho para o teu livro.

– Querido Hardy, não me resta qualquer dúvida a respeito. Antes mesmo da prova fotográfica, minha convicção era absoluta, mas a fotografia será uma prova para quantos não te ouviram falar.”

Quem não vê que este fato, dadas às circunstâncias que o revestem, todas inexplicáveis por hipóteses naturalistas, deve ser tomado como decisivo em prol da interpretação espírita?

Eis aqui, do mesmo ponto de vista, outro episódio interessante.

R. H. Saunders, escritor e pesquisador assaz conhecido nas rodas metapsíquicas inglesas, enviou à *Light* (1920, pág. 266) o seguinte relato:

“Eis um episódio excepcionalmente interessante, de um Espírito que, no curso de uma sessão fotográfica, se comportou de tal maneira que a entidade, cuja manifestação deveria verificar-se e era por todos ansiosamente esperada, foi substituída pela de um

parente no qual ninguém pensava, e isso intencionalmente, para provar-nos que não se tratava de “fotografia mental”.

Um amigo que jamais se ocupara de investigações psíquicas, antes de haver perdido, havia um ano, uma filha na idade de quinze, obteve pela mesa uma comunicação na qual a falecida o prevenia de que ia manifestar-se dando o seu retrato.

Comprei para esse amigo um pacote de chapas Ilford, por ele guardado, até que a filha o prevenisse, em outra mensagem, de que estava prestes a chegar a Londres um médium dotado de faculdades adequadas a esse gênero de provas.

Poucos dias depois, ouviu dizer que o médium Hope viria, efetivamente, à capital.

Em chegando o médium, visitou-o e, marcado o dia da sessão, a ela compareceu o amigo acompanhado da esposa, levando no bolso o pacote das chapas.

Desembrulhou-as, marcou-as, meteu-as na máquina e revelou-as sem que o médium tivesse em tudo isso a mínima intervenção.

Examinados os negativos, constatou-se em um deles o rosto de um Espírito, pelo que foi esse negativo logo separado, a fim de se lhe tirar o positivo.

Nessa noite, estávamos todos à mesa de trabalho mediúnico, quando a rapariga se manifestou com a seguinte comunicação:

“Eu me havia colocado entre papai e mamãe e vocês encontrarão o meu retrato na chapa.”

Em seguida, manifestou-se outra entidade, que transmitiu, como de hábito, comunicações muito elevadas, expressando-se por vezes em latim, o que nos obrigou a mandar traduzi-las.

E terminou por dizer: “Desta vez obtivestes uma prova decisiva e deveis utilizá-la para convencer os que ainda duvidam.”

Devido a essas mensagens, o amigo e sua esposa esperavam impacientes as provas da fotografia que lhes deveria proporcionar o prazer de contemplar a imagem da filha.

Mas, chegadas que foram as provas, ei-los profundamente decepcionados, pois em lugar dos traços da criatura adorada,

houveram de reconhecer o semblante de um irmão do experimentador, há muito falecido, e a respeito do qual dissera uma comunicação que ele se havia desinteressado inteiramente das coisas terrenas.

Nessa mesma noite, recorremos à mesa e esta se comportou de modo inteiramente diverso do habitual.

Perguntamos quem era o Espírito presente e responderam: “Sou teu irmão Alfredo. Tive a missão de provar-te que a figura retratada *não era uma forma mental*, e isso foi julgado necessário, porque essa suspeita vos preocupava a mente.”

Em verdade, nós havíamos discutido longamente o assunto, para conjecturar que, se o pensamento pode materializar-se, tal como evidenciam algumas experiências da Sra. Bisson, nada impedia mantivéssemos as nossas dúvidas, de vez que não podíamos varrer da mente a imagem da morta querida.

Esta se comunicou novamente e deu a seguinte mensagem: “Eles me ocultaram o que tencionavam fazer. Eu achava-me entre vocês dois, e certa, portanto, de haver impressionado a chapa... Minha mãezinha, estou contristada pelo que sucedeu. A única coisa que me dizem é que, à última hora, o tio tomou-me a frente. Ficará para outra vez, e breve.”

Neste episódio, a parte mais interessante consiste em que a substituição de personalidades na fotografia transcendental afigura-se devida à circunstância de haverem os experimentadores discutido anteriormente a possibilidade de confundir a fotografia mental com a dos desencarnados, decidindo os Espíritos-guias recorrerem a uma substituição de personalidade, para dissipar todas as dúvidas.

Devemos também notar a circunstância de haver o Espírito-guia dito, antes de conhecidas as provas fotográficas, que daquela feita *“tinham obtido uma prova decisiva”*.

Essa comunicação tende a demonstrar que a entidade comunicante conhecia efetivamente a substituição ocorrida, pois de outro modo não teria falado em *“prova decisiva”* na presença de experimentadores em dúvida, mas, ao contrário, que as fotografias espíritas poderiam ser explicadas pelas fotografias mentais.

Nessas condições, é óbvio que a comunicação em apreço tende a demonstrar eficientemente que os fatos ocorreram tal como afirmaram os Espíritos comunicantes.

Este outro fato é relatado no livro de James Coates, *Photographing the Invisible*.

Respiguei-o dos *Anais das Ciências Psíquicas* (1912, pág. 218), que dele faz um resumo assaz extenso.

“Conta o Sr. Coates que numa sessão realizada em 8 de outubro de 1909, com o médium Edouard Wyllie, a srta. Kate M..., dotada de notáveis faculdades clarividentes, a ele se dirigiu, dizendo: “Vejo uma mulher alta, morena, que diz: *Sra. Coates, não me queira mal!*”

Respondeu-lhe esta: a ninguém quero mal; afinal, quem é?

“Não me veja com desdém, sou a sua velha criada Maggie.”

Compreenderam, então, o Senhor e Sra. Coates do que se tratava, mas afirmaram que nem a srta. Kate nem outro qualquer dos assistentes a conheceria.

A coisa não iria além e o casal Coates não lhe teria dado maior importância, se outro episódio não tivesse sobrevivendo ao fim de alguns dias.

O médium Wyllie, que era americano, regressou aos Estados Unidos e deixou com o Rev. diácono John Duncan as provas de todas as fotografias obtidas nas diversas sessões particulares realizadas na Inglaterra.

Um dia, de visita ao Rev. Duncan, o casal Coates entrou a examinar essas fotografias e ficou profundamente surpreso ao reconhecer em uma delas a figura da sua criada Maggie.

Tratava-se de uma chapa que havia focalizado tal srta. B. das relações do Sr. Duncan.

A história desta Maggie poderia ser resumida em poucas linhas: fora uma rapariga leviana, que encontrou um homem egoísta e teve de abandonar o emprego quando se viu grávida.

Aliás, era uma rapariga estonteada, porém dotada de bons sentimentos.”

Os *Anais* publicam a fotografia em questão, na qual o rosto da entidade espiritual de Maggie aparece sobre o peito da srta. B...

Os traços são nítidos e característicos.

Notarei que neste caso vemos repetir-se, exatamente, a circunstância que assinalou o primeiro, relatado pelo casal Mackenzie, no qual a entidade comunicante não consegue fotografar-se, enquanto alguns familiares seus se colocam diante da objetiva; e, em compensação, o faz noutro comenos e na presença de pessoas estranhas.

Daí pode coligir-se que o estado emocional produzido nos Espíritos, em presença de pessoas que lhes são caras, engendra muitas vezes condições ambientes que os impedem de projetar a imagem diante da objetiva fotográfica.

De um outro ponto de vista, é preciso assinalar que o fato de um *sensitivo* perceber formas de Espíritos operantes nos cursos das experiências fotográficas, é sempre um fato teoricamente interessante, ou não fosse ele confirmativo do que já tenho frisado, isto é, que se é verdade que a ação mental pode impressionar diretamente a chapa, sem objetivar-se ante o aparelho, não é que *as imagens objetivadas do pensamento* se realizem concorrentemente com *as impressões diretas do pensamento*.

Limito-me a chamar atenção para o lado teórico das visões clarividentes dos fantasmas, nas experiências em apreço, porque a indubitável existência das “formas-pensamento” tira algum valor a estas visões, do ponto de vista de sua possível interpretação espiritista.

Notarei, todavia, que, neste caso que vem de ocupar-nos, não podia tratar-se, evidentemente, de uma “forma-pensamento”, de vez que a entidade espiritual havia conversado com os assistentes, e, passados alguns dias, manifestou-se noutro meio e impressionou uma chapa em presença de pessoas estranhas.

No exemplo a seguir, a hipótese da “fotografia do pensamento” torna-se mais absurda e insustentável, visto que, mesmo a distância, não havia alguém que guardasse no cérebro ou nos refolhos do subconsciente uma lembrança da figura de mulher aparecida na chapa fotográfica.

O caso é relatado no fascículo de julho de 1924, da bela revista trimensal inglesa *Ciência Psíquica*, órgão do *British College of Psychic Science*.

O Sr. Hewatt, diretor do Instituto, pedira ao experimentador, Sr. C. L. D. Kok, rico negociante holandês, lhe apresentasse uma narrativa por escrito, a respeito do que lhe sucedera nas experiências fotográficas realizadas na sede do *British College*, e recebeu a seguinte carta:

“Caro Sr. Hewatt Mackenzie.

Quando em novembro de 1921, por ocasião das férias anuais, tive o ensejo de assistir a uma sessão do Centro de Crew, obtive, em uma das chapas levadas de Amsterdã, a imagem transcendental de um rosto feminino desconhecido.

Essa fotografia, como podeis ver pelo exemplar junto, é notabilíssima, por causa da grande auréola que circunda a fronte da entidade espiritual, abundante cabeleira e forma nitidamente triangular do semblante.

Tendo enviado meu filho à Inglaterra no mês de setembro de 1922, aproveitou ele a ocasião para assistir a uma sessão do grupo de Crew, na sede do *British College*, e obteve, por sua vez, em uma de suas chapas a impressão transcendental de uma figura de mulher não conhecida, que só pude ver pela primeira vez em 24 de maio de 1924, quando fui cumprimentar-vos no *British College*, em companhia de minha cunhada.

Logo que esta viu a dita fotografia, exclamou: “Mas é a mesma entidade que lá está na chapa de 1921!”

E de fato era, como se poderá ver, comparando as duas fotografias aqui juntas.

Meu filho obtivera a reprodução do mesmo semblante, repetido cinco vezes em torno do seu retrato.

Quando comuniquei o fato ao Sr. Mackenzie, fazendo-lhe sentir o quanto era de lastimar o desconhecimento da mulher que assim se manifestara primeiramente a mim e depois a meu filho, sua esposa me respondeu:

“A fisionomia impressa na chapa é a do seu guia espiritual, a quem chamam Sílvia, mas na Terra era Henriqueta, sua tia materna.

“Ela nos disse que o estimara ternamente, quando aqui encarnada, posto que o senhor não a tivesse visto senão uma vez, em criança, quando veio das Índias Orientais para a Holanda.

“É que aí, na sua residência, existe dela um retrato. Queira procurá-lo na traparia, dentro de velho cofre lá existente, no meio de outros retratos de parentes e amigos da família, e certamente o encontrará.”

À noite, rememorando esse incidente, consegui recordar-me vagamente de haver visto em menino, uma vez, a tia Henriqueta, irmã de minha mãe.

Foi isso em Amsterdã, no ano de 1880, uma única vez de fato, por ter eu vivido sempre longe da Holanda.

Regressando a penates, fui logo ao local indicado, lá encontrei o cofre, e nele, de mistura com outros objetos, um velho álbum do qual já me não lembrava.

Folheando-o, logo se me deparou a fotografia em apreço.

Eu conservava, efetivamente, a reminiscência de achar-se a tia Henriqueta nesse grupo, colocada entre as duas irmãs.

A esta carta junto também a fotografia, a fim de fazerdes as necessária comparações.

Queira notar os belos olhos, a basta cabeleira, a boca, e sobretudo o rosto nitidamente triangular de minha tia.

É evidente que, depois de tanto tempo, ela se manifestou deste modo, primeiramente a mim e, depois de dois anos, a meu filho.

A identidade das duas fotografias, a natural e a transcendental, é perfeita; mas eu não juraria tratar-se precisamente de minha tia Henriqueta, de vez que não mais a vi depois de 1880.

E, como nessa época, eu contava apenas oito anos, não guardo da sua fisionomia mais que vaga reminiscência.

Seja, porém, como for, o certo é que este retrato, que ora vos envio, foi tirado alguns anos antes da sua morte, embora não possa eu, pelo mesmo motivo, indicar datas.”

Tal o fato interessantíssimo, relatado pelo Sr. Kok. Observarei que a circunstância de haver ele declarado não poder jurar que se trata da sua tia Henriqueta, só depõe a prol da louvável sinceridade da sua narrativa, sem infirmar de modo algum o valor teórico do fato relatado.

Em primeiro lugar, o Sr. Kok havia previamente afirmado que reconheceu logo o retrato da tia, por se lembrar da particularidade de sua colocação no grupo, entre as duas irmãs.

Em segundo lugar, mesmo que a fisionomia não fosse a de Henriqueta, deveria ser de uma que outra das tias, uma vez que irmãs eram as três senhoras fotografadas.

É o que há de mais importante, pois o fato teoricamente essencial consiste no seguinte: que, na fotografia transcendental obtida, aparece o rosto de uma tia do Sr. Kok, falecida de muitas anos, o que lhe não permitia lembrar-se dos seus traços fisionômicos, e mais, o de manifestar-se dois anos depois a um filho seu, ou seja, ao sobrinho, que absolutamente não a conhecia.

A circunstância de a entidade manifestar-se ao Sr. Kok filho, *que absolutamente não a conhecia*, demonstra, de uma forma decisiva, não se tratar da “fotografia mental de um encarnado”.

Somos, pois, necessariamente levados a reconhecer a presença real, *in loco*, da entidade espiritual que ficou gravada na placa sensível, ou mais precisamente: somos levados a reconhecer que a figura gravada na chapa fotográfica era a objetivação do pensamento de um defunto.

Resta-nos evidenciar algumas circunstâncias que contribuem para confirmar as conclusões que acabo de enunciar.

Notemos, por exemplo, que o filho do senhor Kok dera tão pouca importância ao retrato, que até deixara de o enviar ao pai, o que demonstra, ulteriormente, jamais ter ele visto fotografias da falecida.

Assinalemos, também, a curiosa particularidade das cinco impressões da entidade comunicante sobre a mesma chapa sensibilizada, como se com isto se propusesse a despertar mais fortemente a atenção dos experimentadores, para evitar que, em não a

reconhecendo, pusessem-na de lado, à revelia de qualquer identificação posterior.

Preciso da mesma forma, não desprezar a outra circunstância de só se tornar possível ao Sr. Kok pai a identificação da personalidade espiritual revelada na chapa, mediante esclarecimentos fornecidos por uma personalidade mediúnica, sem o que nada teria descoberto e perdido ficaria esse notável episódio de identificação espírita, como sói acontecer com a grande maioria das fotografias transcendentais, nas quais aparecem pessoas desconhecidas.

E, se considerarmos que as indicações fornecidas eram ignoradas do médium, tanto quanto dos assistentes, mas, em compensação deviam ser conhecidas da entidade falecida, esta circunstância tem, por si só, o valor de uma prova de identificação espírita.

Advirto, finalmente, que a entidade que se comunicara por *voz direta* havia declarado que a falecida tinha a missão de “guia espiritual” do sobrinho, explicando-se, destarte, a manifestação dada a ambos, posto que um não a tivesse quase conhecido e houvesse, conseqüentemente, esquecido, enquanto que o outro jamais a conheceria.

A mesma circunstância explicaria o porquê da presença da entidade na sessão do sobrinho, com a Sra. Cooper.

Não citarei outros casos de identificação espírita, obtidos graças à fotografia transcendental.

De fato, o problema da identificação espírita ultrapassa, por agora, o tema de que nos ocupamos e que se conjuga a problema outro, diametralmente oposto, se bem que complementar do primeiro, ou seja: – que uma boa parte dos casos de “fotografia transcendental” prova que o *pensamento* e a *vontade* constituem forças “plasticizantes” e organizadoras, com as conseqüências daí decorrentes.

Seja como for, é preciso não esquecer as seguintes conclusões gerais.

Os fenômenos de *aparições telepáticas dos vivos* e de *aparições de fantasmas dos vivos* (bilocações) demonstram respectivamente a existência no homem de uma vontade capaz de projetar a própria

imagem a quaisquer distâncias, bem como a existência de um espírito independente e separável do seu corpo.

Assim, contribuindo para provar a existência do espírito humano, os fenômenos contribuem conseqüentemente, para validar a hipótese complementar, da *aparicão dos mortos*.

Ora, do mesmo modo, o fenômeno da *fotografia mental dos vivos* demonstra que pensamento e vontade são forças plásticas e organizadoras; e assim, a seu turno, contribui para provar a sobrevivência do espírito humano e, por conseguinte, a validade da hipótese complementar da *fotografia mental dos mortos*, validade que se transforma em fato bem constatado, todas as vezes que o fenômeno se dá em circunstâncias que excluem a possibilidade de qualquer ação mental dos vivos.

Mais adiante veremos a que grandiosas especulações filosóficas conduz o fato de podermos, experimentalmente, demonstrar a natureza plástica e organizadora do pensamento humano.